Espaço Literário

Poderosa fraqueza

Não... Não conseguia compreender por que deveria executar aquele trabalho. Parecia algo que jamais terminaria de fazer ou até impossível de ser principiado. Enquanto todos os seus colegas executariam as tarefas mais corriqueiras e banais, ele deveria fazer aquilo a que muitos se referiam como um martírio. Era isso para ele. Foi incumbido de um martírio.

E dessa forma, pensando na injustiça de ser ele o infeliz, seguiu para uma sala onde se encontravam oito homens de meia idade, que, sentados ao redor de uma grande e imponente mesa, sobreolharam-no após ter finalmente tomado ele coragem de abrir a porta que o mantinha livre daquelas pessoas. Não articulou um só fonema. Apenas puxou uma das cadeiras vazias e, de forma extremamente lenta, foi sentando-se também à mesa. O ambiente era gelado, não apenas por causa do ar condicionado que entrava pelas bocas da calça, mas também porque o único sentimento que ali se externava desenfreado era o seu. Aqueles homens somente conseguiam revelar a impaciência com a qual aguardavam suas demoradas palavras. Pensando nelas, começou a ajeitar de modo vacilante alguns documentos que trouxera consigo. Mudava-lhes a ordem; uma, duas, várias vezes. Um dos homens forçou um pigarro. Foi quando ele percebeu não haver mais tempo para pensar. Seria naquele momento. Não poderia mais refletir sobre suas conclusões. Estando sua análise errada ou sem os devidos argumentos, deveria expô-la assim mesmo. Todos aqueles olhares aborrecidos tinham como foco seu rosto, que, pálido, tentava não se desfigurar e formar um semblante sereno; mas era impossível. Seu coração martelava. Suas mãos, com o brilho do suor e o nervosismo nelas refletido, pareciam tremeluzir. Seus olhos denunciavam o receio, o medo, o pavor... Nada adiantaria tentar pairar as mãos sobre a mesa; todos perceberiam sua aflição. Era isso, a mostra de sua fraqueza, que o deixaria cada vez mais nervoso. Sabia disso. Aproveitando-se de uma queda inesperada em sua pressão, tentou então emitir os primeiros sons. "Bem...". Pausou. Tomou fôlego. "Nós... é... nós temos que... que... recomeçar a reunião!" Sim. Era um recomeço. Alguns instantes atrás havia interrompido os trabalhos para ir ao banheiro. Foi a forma utilizada por ele para diminuir o nervosismo quando chegou sua vez de explanar. Lá, pegou um lenço, limpou o suor que escorria contínuo em seu rosto e tomou mais um comprimido de calmante. Que absurdo, pensava, por que isso ocorria dentro dele?

Era injusto. Sabia tanto! Trazia tanto conhecimento das atividades exercidas na empresa e dos problemas por que passava! E mais... As soluções. Tinha todas as soluções naquele momento. Gostaria apenas de ter calma suficiente para poder expor suas idéias, as quais – sabia –- eram boas. Medo? Medo de quê? De desagradar? Como poderia ter tanto medo de errar se o medo maior que deveria ter era o de não conseguir existir. Isso, sim, seria terrível. Tentava imaginar se todos fossem como ele, por medo não mostrassem seus ideais. O que seria do trabalhador, da empresa, do país, do mundo?! Foi com esse último pensamento que, então, saiu do banheiro e dirigiu-se de volta à reunião. Agora, bastaria encontrar as palavras certas e mostrar a todos que não era um fraco, que sabia pensar e utilizar-se de seu pensamento, não se importando com as opiniões eventualmente adversas; pelo contrário, sabia que poderia usá-las para fortalecer cada vez mais as manifestações de suas idéias.

E assim prosseguiu. O início foi hesitante, mas, conforme ia proferindo as primeiras palavras, iam sobrevindo outras mais facilmente. Seu coração, aos poucos, parava de martelar, voltando ao compasso normal, a ficar despercebido. Suas mãos (traidoras!) firmaram-se, e seu brilho molhado ia desaparecendo.

Os homens, um a um, tomavam posição melhor à mesa, como se quisessem aproximar-se mais do expositor. Aqueles, em cujos olhos se pudera notar o menosprezo, deixavam revelar-se a vontade de ouvir.

Estava ficando fácil demais falar.

Aquilo que só ele sabia se exteriorizava de forma brilhante.

O desejo nesse momento era o de não interromper e de falar mais.

Passaram-se duas horas e...

Havia terminado. Tinha exposto todo o seu raciocínio. O aplauso, associado ao júbilo mostrado pelos semblantes, indicava o sucesso. Sabia nesse instante que finalmente seria respeitado.

Era um líder.

Antes, um coitado!

Márcia Regina Murça Barroso
Revisora da Assessoria de Comunicação Social (Ascom)

Conto premiado pelo 2º lugar no I Concurso Raquel de Queiroz, promovido pelo Sindicato dos Servidores do Judiciário e do Ministério Público do Distrito Federal.